

# Encontros e desencontros entre Winnicott e Lacan

## *Matches and Mismatches between Winnicott and Lacan*

KLAUTAU, Perla. 2ª. Edição revisada e ampliada. São Paulo: Escuta/FAPERJ, 2014, 218p.

---

*Karla Patrícia Holanda Martins\**

A segunda edição do livro de Perla Klautau representa, não apenas a revisão de seu trabalho primeiro, mas o desdobramento de um conjunto de questões matriciadas na versão original de 2002, quando o seu ponto de partida foi o conceito de objeto nas obras de Winnicott e Lacan. A rigorosa retomada deste conceito, já naquela ocasião, demonstrou as relações estreitas e necessárias entre a compreensão dos processos de constituição subjetiva e a adoção de uma perspectiva ética no tratamento analítico. No panorama da pesquisa psicanalítica desenvolvida nas universidades brasileiras, o trabalho – realizado com sofisticação e profundidade – inseria uma perspectiva nova ao conjunto de produções acadêmicas, colocando, em perspectiva, dois autores do pensamento pós-freudiano que não eram comumente postos em diálogo. Começava a se construir uma forma de fazer pesquisa em psicanálise, onde trazer a heterogeneidade do pensamento psicanalítico e seu vigor comparativo não deveria significar falta de rigor metodológico.

O diálogo possível entre as trajetórias de Winnicott e Lacan, no que se refere à gênese do objeto, foi apresentado após uma cuidadosa leitura dos textos originais. Klautau (2002; 2014) apresenta-nos, inicialmente, as noções de objeto subjetivo, objeto transicional e uso do objeto em Winnicott, para, em seguida, retomar os conceitos de objeto *a*, a partir da noção de falta, em Lacan, apontando, por último, o diálogo possível entre o objeto transicional e o objeto *a*. O trabalho guarda o rigor inicial e refaz sua aposta no diálogo entre diferentes perspectivas teórico-clínicas, não se deixando intimidar por ortodoxias. Mais uma vez, o caráter de sua investigação instiga a pesquisa em psicanálise,

---

\* Psicanalista, profa. adjunta Programa de Graduação e Pós-graduação em Psicologia/Universidade Federal do Ceará-UFC (Fortaleza-CE-Brasil).

construída no trânsito entre a clínica e a universidade. Aqui, acrescenta-se, ao percurso por ela percorrido, um conjunto de quatro artigos, frutos do seu trabalho junto a um grupo de pesquisadores psicanalistas que, inspirados, principalmente, na obra desses autores, discutem, no campo da clínica psicanalítica, as consequências em adotar uma determinada perspectiva metapsicológica relacionada ao estatuto do objeto. Problemáticas relativas ao corpo, à construção da confiança e aos limites da interpretação são discutidas nos textos que retomam o diálogo proposto inicialmente por Klautau, colocando as noções de falta e de continuidade como pano de fundo.

A partir de sua questão matriz e de suas consequências para o trabalho analítico, os doze anos de pesquisa da autora aparecem, neste texto, interpelados por um terceiro termo que, arrisco dizer, faz uma espécie de ponte entre as questões elaboradas por Winnicott e Lacan: a obra de Sandor Ferenczi. O psicanalista húngaro fora objeto de investigação da sua tese de doutorado e algumas das discussões ali apresentadas são retomadas nesta segunda edição, por exemplo, no texto “As marcas da herança de Ferenczi nas teorias de Winnicott e Lacan”, escrito em parceria com os psicanalistas Octavio Souza e Fernanda Pacheco-Ferreira.

Neste artigo, Ferenczi é revisitado e seu conceito de vivência no agir (*Erleben*) é sublinhado para orientar o trabalho clínico com a transferência, marcado pelas experiências de sofrimento situadas em fases precoces do desenvolvimento. Haverá aqui uma preocupação em “estabelecer uma conexão entre a clínica, as transformações contemporâneas e o impacto destas na organização da experiência subjetiva” (KLAUTAU; PACHECO-FERREIRA; SOUZA, 2014, p. 150). Entretanto, não se trata, como avisam os autores, de pensar se há algo novo nestas configurações subjetivas atuais, mas de sublinhar os desafios colocados pelos pacientes refratários ao tratamento padrão. As preocupações de Ferenczi com a neutralidade e a confiança no analista e, portanto, com os limites da interpretação dos conflitos edipianos, são colocados no coração de uma discussão sobre as formas de presença do analista. Ficará para futuras pesquisas a indicação dos articulistas sobre a possível influência de Ferenczi na construção de uma teoria das relações de objeto.

Os autores localizam, entre as preocupações clínicas de Winnicott, uma premissa de herança ferencziana, a partir da qual a dimensão da experiência teria sido colocada como hierarquicamente primeira ao trabalho de significação das defesas, demonstrada na seguinte citação de Winnicott (1961, p. 60 *apud* KLAUTAU; PACHECO-FERREIRA; SOUZA, 2014, p. 152): “o desfecho bem-sucedido de uma análise depende não da compreensão, pelo paciente, do

significado das defesas, mas sim de sua capacidade, através da análise da resistência e da transferência, de reexperimentar esta ansiedade intolerável em função das quais as defesas foram organizadas” Em sua afirmação, Winnicott teria seguido uma tradição ética que denota cautela com a interpretação das defesas e que, no rastro de Ferenczi, privilegia o pré-verbal. A proposição winnicottiana é, em nota, também cotejada com as indicações do psicanalista René Rousillon, para quem esta capacidade será pensada em termos de “necessidades do ego”, colocadas em relação às possibilidades de simbolização dos pacientes.

Neste contexto em que o pré-verbal será tomado como paradigma do trabalho clínico, a experiência da transferência é colocada no centro do trabalho clínico e a questão da experiência com o vivido é retomada. A função da presença do analista é reintroduzida, considerando a leitura feita por Jacques Allain-Miller dos últimos anos do ensino de Lacan. Há uma proposta colocada em jogo de que as considerações de Lacan sobre o gozo e sua invenção de *la-langue*, apresentadas no seminário dos anos de 1972-1973, se aproximam “de uma sensibilidade característica dos herdeiros ferenczianos no que diz respeito à presença do analista no processo de simbolização” (KLAUTAU; PACHECO-FERREIRA; SOUZA, 2014, p. 157)<sup>1</sup>.

A colocação feita pelos autores é fértil e demonstra, desde o seu prefácio, um caminho ético importante para o movimento psicanalítico atual, qual seja: o de tomar posição frente às ortodoxias, em nome de um pensar a partir da clínica, em seus limites e possibilidades. Em outras palavras, a aposta na aproximação desses autores significa reconhecer que “as teorias psicanalíticas são atravessadas por inquietações clínicas bastante próximas”.

Entretanto, penso que devemos prosseguir na reflexão. Não estou muito certa se, no trabalho com a transferência e as resistências, as consequências dadas a essas inquietações são igualmente próximas. Qual o destino dado, por exemplo, à questão da responsabilidade do sujeito do inconsciente, seguramente defendida por Lacan (1966/1998, p. 873), quando este afirma: “Por nossa posição de sujeito somos sempre responsáveis. Que chamem a isso como quiserem, terrorismo”?

<sup>1</sup> Os trabalhos de aproximação entre os discursos teórico-clínicos de Lacan e Ferenczi têm resgatado problemas importantes colocados ao longo da história da psicanálise; a título de exemplo, podemos citar a publicação organizada pelo francês Jean-Jacques Gorog (2009), *Ferenczi après Lacan*, fruto de uma Jornada realizada em Budapeste no ano de 2006, quando analistas de tradição lacaniana se reuniram para pensar, a partir do que denominaram “um retorno à Ferenczi”, temas como a direção da cura, a formação dos analistas, entre outros. (Ver também BERNARDES, 2002; BIRMAN, 2009; KIRSHNER, 2015).

Ainda, sobre a presença do analista, vou me deter em duas passagens que considero significativas para pensar as tensões que sobrevivem a esta aproximação, uma delas, no contexto de sua análise das resistências, a partir dos escritos técnicos de Freud e outra na retomada dos quatro conceitos fundamentais, dez anos depois. No momento inicial, Lacan (1953-1954/1986) ainda não havia proposto a sua teoria sobre as relações de objeto e suas respectivas formas de falta. Ali, a presença do analista é retomada a partir do texto de Freud *A dinâmica da transferência* e cotejado com a teoria do trauma de 1895 e o seu núcleo patogênico. Propõe uma leitura original sobre a resistência, retomando sua positividade: o estancamento da fala, no ponto alto do trabalho, coloca em cena uma modalidade particular de resistência, a presentificação do analista. Lacan (1953-1954/1986, p. 52) vai tecendo seus argumentos se distanciando de uma indicação de Freud de que “a parada no discurso seja devida a algum pensamento relacionado ao analista” (*grifos meus*) e propõe: “No momento em que ele parece pronto para formular alguma coisa de mais autêntico, de mais quente do que jamais pôde atingir até então, o sujeito, em certos casos, se interrompe e emite um enunciado que pode ser este: *Eu realizo de repente o fato de sua presença*” (LACAN, 1953-1954/1986, p. 52, *grifos do autor*). Na batalha, o elemento escolhido, o analista, tem valor tático, afirma acompanhando Freud. Aqui Lacan insiste que a transferência é um fenômeno de acosso e um momento de virada, “uma viravolta súbita que o faz passar de uma vertente a outra do discurso, de um acento a outro da função da palavra” (1953-1954/1986, p. 53), mais adiante declara: o que Freud chama de transferência, quer dizer, aqui, a atualização da pessoa do analista. Trata-se da presentificação do estranho no familiar; embora as questões do reconhecimento e da familiaridade estejam em jogo, não se trata de um tratamento do *empático*, mas, sim, *tático*.

Lacan (1964/1985), no seminário sobre os conceitos fundamentais, dedica sua aula, de 15 de abril de 1964, à presença do analista, ali considerada uma formação do inconsciente, testemunho da divisão, portanto, presença do inconsciente. Afirma que é no círculo da tapeação do Outro que o amor de transferência será retomado. É a noção de falta, através da teorização do objeto *a*, que orientará a visada sobre o amor de transferência. No seminário do dia 07/02/1968, também guiado pela noção de objeto *a*, se indaga sobre a “qualificação do psicanalista” (LACAN, 1967-1968/s.d, p. 137) e reafirma o esvaziamento desta posição, que não se deixa afetar pelo que é da vertente do gosto.

Quase dez anos depois, nos seus textos finais, Lacan (1972-1973/1985, p.199-200) retoma as relações entre o amor, a contingência e a necessidade, sublinhando o ratar, a rasura e a desarmonia e desdobrando questões, para

pensarmos o que ele chama de final de ciclo de suas considerações sobre o objeto *a*, quando novamente reafirma a sua aposta na descontinuidade e nas relações entre ato analítico e castração.

Ao sublinhar essas passagens na obra de Lacan, apenas me mantenho numa visada de trabalho, onde as tensões são mantidas, tal como propõe Perla Klautau ao anunciar encontros e desencontros entre Winnicott, Lacan e, agora, com Ferenczi. Mas gostaria de não tomar uma grande distância do que me parece o mais importante no trabalho de reaproximação realizado por Perla e os demais articulistas: a inclusão da dimensão não-verbal na experiência analítica e as consequências da adoção deste pressuposto para ampliação do trabalho da transferência. Aqui se reúne um conjunto de elementos em que são incluídos os indicadores freudianos, relativos ao trabalho de perlaboração e ab-reação experimentados em *playground*, a dimensão do *Erbinis* ferenciano, o objeto *a*, o gozo e a *lalangue* em Lacan, a regressão em Winnicott. Mas, o que me parece igualmente importante sustentar como não respondido é como cada um desses autores consideraram as necessidades psíquicas do analisante para o manejo clínico. Porém, sem dúvida, colocar em trabalho esses elementos nos permite, afirma Klautau (2014, p. 161) em seu artigo com o psicanalista Pedro Salem, “ultrapassar o paradigma que orienta a condução do tratamento das neuroses, cuja marca patente pode ser descrita como a interpretação dos significantes recalcados e a exploração da linguagem em sua dimensão verbal”.

A dimensão do não-verbal da experiência é a bússola utilizada neste artigo, segundo artigo do livro para destacar, na “gramática winnicottiana”, a importância da dependência para o estabelecimento da confiança. Aqui, Winnicott e Ferenczi se cruzam numa pergunta fundamental ao estabelecimento de seus preceitos éticos-clínicos: o que torna o ambiente confiável? O que faz com que o analista *seja* essa presença confiável, não apenas que ele a represente? Como o ambiente *físico* se torna *psicológico*? Ou seja, aqui tornam-se fundamentais os signos da espacialidade, da sensorialidade e da estética, nos primórdios da construção da subjetividade e no exercício da psicanálise. A transformação gradual do ambiente físico em psicológico e suas consequências para o indivíduo em curso orienta uma ética do cuidado clínico. O paradigma winnicottiano do objeto subjetivo orientará novos apontamentos, quanto ao sentido da regressão e os limites da interpretação.

Na retomada da ambiência winnicottiana, os autores indicam aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão no contexto analítico, remetendo-nos ao texto homônimo de Winnicott, publicado em 1955. Neste contexto, a importância do *setting* para analisar os estágios de desenvolvimento emocional, anteriores

ao estabelecimento do *status* de unidade espaço-temporal, é colocada, tal como afirmam os autores, em primeiro plano. Nele, Winnicott (1955/2000, p. 385) discute, por exemplo, a questão da pontualidade (“o analista não é alguém que deixa o paciente esperando”) e o uso do divã para pensar as diferenças metapsicológicas e clínicas entre desejo e necessidade do paciente, considerando as angústias e as defesas em estado de caos; diferencia situações em que o divã pode, nos sonhos e nos pensamentos do paciente, *representar* o analista, seu corpo, seus braços, mãos, etc., e no contexto da regressão em que “o divã é o analista” (WINNICOTT, 1955/2000, p. 385, *grifos do autor*).

O trânsito entre a representação e o ser, implicados também no uso deste, depende das possibilidades do paciente de estar só e de empreender o seu próprio trabalho de objetivação e uso da presença do analista; se esta capacidade ainda não foi construída, a insistência do analista em ‘ausentar-se’ ou se presentificar em demasia pode violar a necessidade do paciente de reservar uma área de segredo. Retomo, ainda, um texto um pouco posterior ao citado acima, em que Winnicott (1963/1990) propõe que o perigo da interpretação, numa área e num momento nos quais deveria predominar a espera do analista, é o de que “subitamente nos tornamos não-eu para o paciente, e então sabemos demasiado, e ficamos perigosos porque estamos demasiado próximos na comunicação com o núcleo central quieto e silencioso da organização do ego do paciente” (WINNICOTT, 1963/1990, p. 172). A importância das qualidades sensíveis do objeto é pensada no contexto do desenvolvimento emocional do bebê e cotejada com as formas de presença do analista, sua comunicação e falta de comunicação. Metapsicologia e clínica inspiram-se mutuamente, nas suas palavras: “Tenho sempre sentido que uma função importante da interpretação é o estabelecimento dos *limites* da compreensão do analista” (WINNICOTT, 1963/1990, p.172, *grifos do autor*).

Essa discussão sobre os aspectos qualitativos do *setting* é retomada também no último artigo do livro, em que Winnicott e Lacan são novamente colocados face a face aos limites da interpretação (KLAUTAU; WINOGRAD; LANNES, 2014, p. 197), através do contexto da regressão sua dimensão pré-discursiva.

Tal sensibilidade é transposta para a discussão sobre “O lugar do corpo nos últimos anos do ensino de Lacan”, através da retomada do conceito de pulsão e sua função de pressão. Após uma revisitarem a leitura estruturalista dos textos de Freud, Klautau, na companhia dos psicanalistas Monah Winograd e Octavio Souza, segue as indicações de Lacan (1964/1985) sobre o objeto *a* e suas figurações, indicando-as como resíduos de formas arcaicas da

libido, restos que caem do corpo, revelando que “é em torno da perda primordial que se estabelecem as primeiras relações da pulsão com o desejo”. Desta forma, seria possível indicar para o objeto *a* outra função, além da de objeto causa de desejo: a de causa da atividade pulsional; afirmação que colocaria em relevo o seu caráter processual. As consequências deste pressuposto são examinadas nos deslocamentos de uma teoria do sujeito e do Outro em Lacan, onde “o sujeito foi deixando aos poucos de ser concebido como efeito de linguagem e passou a ser agente, definido de acordo com a interação do meio” (KLAUTAU; WINOGRAD; SOUZA, 2014, p. 192) e o Outro ganhou corpo e qualidades sensíveis. Novamente, aqui, os paradigmas do gozo, propostos por Miller (1999; 2003), são retomados para pensar duas dimensões inseparáveis da experiência do sujeito, uma compartilhada, mediada pela significação e outra imediata, vivida.

As consequências clínicas de tais indicações serão retomadas ao final, quando pontos, anteriormente indicados por Klautau, são retomados agora a partir da análise que Lacan (1975-76) fez da obra de James Joyce, onde, afinal, o que estaria em jogo seria “não a interpretação do sintoma, mas sim a construção do *Sinthoma*” (KLAUTAU; WINOGRAD; SOUZA, 2014, p. 215). Em outras palavras, as noções de processos e gradação aqui contidas sublinham, segundo os autores, a necessidade de uma cena analítica, que coloque em plano de destaque o reconhecimento e a nomeação do sofrimento do paciente. A discussão é, majoritariamente, orientada pela leitura de Miller dos últimos textos de Lacan e pela coletânea de artigos intitulada “Os casos raros, inclassificáveis da clínica psicanalítica: a conversação de Archon”. Considero que o campo fértil aberto pelas instigantes discussões aqui iniciadas possam encontrar, na retomada conceitual da obra de Lacan e também de seu testemunho clínico, desdobramentos importantes para abrir um novo campo de questões.

Por considerar que, na herança psicanalítica, não existe lugar para uma *última* palavra, este livro representa, em seu aspecto original e fértil, o gosto por uma boa prosa.

**Karla Patrícia Holanda Martins**

kphm@uol.com.br

Fortaleza-CE-Brasil

## Referências

- BERNARDES, Angela. C. A segunda regra fundamental: um comentário sobre o Ferenczi de Lacan. *Ágora*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 311-316, dec. 2002. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-14982002000200007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982002000200007&lng=en&nrm=iso)>. access on 23 Sept. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982002000200007>.
- BIRMAN, Joel. A reconstrução do discurso psicanalítico: Ferenczi e Lacan. *Tempo Psicanalítico*. Rio de Janeiro, v. 41, n. 2, p. 329-343, 2009.
- GOROG, Jean-Jacques. (Org.). *Ferenczi après Lacan*. Paris: Hermann Éditeurs, 2009.
- KIRSHNER, Lewis. Ferenczi with Lacan: a missed encounter. In: HARRIS, Adrienne; KUCHUCK, Steven. (Orgs.). *Legacy of Sandor Ferenczi: from ghost to ancestor*. New York: Routledge, 2015.
- KLAUTAU, Perla. *Winnicott e Lacan: encontros e desencontros*. São Paulo: Escuta, 2002.
- KLAUTAU, Perla; PACHECO-FERREIRA, Fernanda; SOUZA, Octavio de. As marcas da herança de Ferenczi nas teorias de Winnicott e Lacan. In: KLAUTAU, P. *Winnicott e Lacan: encontros e desencontros*. 2ª. Edição. São Paulo: Escuta, 2014, p.149-160.
- KLAUTAU, Perla; SALEM, Pedro. O pré-edípico em Winnicott: regressão, dependência e construção da confiança. In: KLAUTAU, P. *Winnicott e Lacan: encontros e desencontros*. 2ª. Edição. São Paulo: Escuta, 2014, p.161-180.
- KLAUTAU, Perla; WINOGRAD, Monah; SOUZA, Octavio de. O lugar do corpo nos últimos anos do ensino de Lacan. In: KLAUTAU, P. *Winnicott e Lacan: encontros e desencontros*. 2ª. Edição. São Paulo: Escuta, 2014, p.181-196.
- KLAUTAU, Perla; WINOGRAD, Monah; LANNES, Carlos. Winnicott e Lacan: a clínica psicanalítica nos limites. In: KLAUTAU, P. *Winnicott e Lacan: encontros e desencontros*. 2ª. Edição. São Paulo: Escuta, 2014, p.197-217.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 1*. Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- \_\_\_\_\_. (1964). *O seminário, livro 11*. Os quatro conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- \_\_\_\_\_. (1967-1968). *O ato psicanalítico*. Seminário XV. Notas de Curso. Versão mimeo. [s.n]: [s.d.].
- \_\_\_\_\_. (1972-1973). *O seminário, livro 20*. Mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

- \_\_\_\_\_. (1975-1976). *O seminário, livro 23. O sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- LACAN, Jacques. (1966). A ciência e a verdade. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 869-892.
- MILLER, Jacques-Alain. Os seis paradigmas do gozo. *Opção lacaniana*. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise. São Paulo, v.26 - 27, abril, p.87-105, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Opção lacaniana*. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise. São Paulo, v.35, janeiro, 2003.
- WINNICOTT, Donald. (1963). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. *O ambiente e os processos de maturação*. Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990, p.163-174.
- \_\_\_\_\_. (1955). Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão no contexto analítico. *Da pediatria à psicanálise*. Obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p.374-392.